

Palestra do Guia Pathwork n° 180
Palestra não editada
13 de março de 1970

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO RELACIONAMENTO HUMANO

Saudações, meus muito queridos amigos, aqui presentes. Bênçãos para cada um de vocês, abençoada seja sua vida, cada suspiro seu, seus pensamentos e sentimentos.

Muitos dos meus amigos estão efetivamente fazendo progressos. Às vezes esse progresso se manifesta, pelo menos temporariamente, como crise. Vocês conhecem esse princípio, mas é fácil esquecer essa regra ou lei espiritual, por assim dizer, quando estão submersos nela. E é ainda mais importante lembrar que há um significado profundo na crise por que estão passando. Sua tentativa de entendê-la em profundidade lhes trará liberação e alegria de viver mais rapidamente, mais cedo e de maneira mais real e permanente.

O tópico desta noite se refere aos relacionamentos entre os seres humanos e à sua tremenda importância do ponto de vista espiritual – do ponto de vista do crescimento individual e da unificação. Primeiro de tudo, eu gostaria de enfatizar, mais uma vez, que no nível da manifestação na vida humana, existem unidades individuais de consciência que às vezes se harmonizam, mas que, com frequência, entram em conflito umas com as outras, criando fricção e crise. No entanto, por trás desse nível de manifestação, não existem diferentes unidades de consciência fragmentadas. Existe uma consciência única da qual cada uma das entidades criadas não é senão uma expressão diferente. Quando alguém atinge seu desenvolvimento máximo, vivencia essa verdade sem, no entanto, perder o senso de individualidade. Isso pode ser sentido muito nitidamente quando vocês lidam com suas próprias desarmonias internas, meus amigos. Porque aí também se aplica exatamente o mesmo princípio.

Em seu estado atual, uma parte de seu ser mais profundo é desenvolvida e regula seu pensamento, sentimento, vontade e ação. Há outras partes que ainda se encontram em um estado inferior, que também regulam e influenciam seu pensamento, sentimento, vontade e ação. Assim, vocês se sentem divididos, o que sempre cria tensão, dor, ansiedade e dificuldades tanto internas quanto externas. Alguns aspectos de sua personalidade estão na verdade, enquanto outros estão no erro e na distorção. A confusão resultante causa um grave distúrbio. O que o homem costuma fazer é desvincular-se de um dos lados, identificando-se com o outro. No entanto, essa negação superficial de parte do que existe não pode levar à unificação. Muito pelo contrário, ela aumenta a divisão. O que precisa ser feito é trazer à luz o lado extraviado e conflitante e encará-lo – encarar toda a ambivalência. Somente então vocês encontrarão a realidade suprema de seu eu unificado e indiviso. Como vocês sabem, a unificação e a paz emergem no grau com que vocês reconhecem, aceitam e compreendem a natureza do conflito e da divisão interna.

Exatamente a mesma lei e princípio se aplicam quando se trata da unidade ou, respectivamente, da divergência entre entidades exteriormente separadas e totalmente diferentes. Elas também não são senão um nível por trás do nível das aparências. A divergência não é causada por unidades

de consciência verdadeiramente diferentes, mas como acontece com as divergências internas de uma pessoa, por diferentes aspectos do desenvolvimento da consciência universal que se manifesta. O princípio de unificação é exatamente o mesmo. No entanto, esse princípio não pode ser executado com outro ser humano, a menos que tenha sido aplicado primeiro ao próprio eu interior. Se as partes divergentes do eu não forem abordadas de acordo com esta verdade e a ambivalência não for enfrentada, aceita e compreendida no próprio eu, o processo de unificação não pode ser posto em prática com outra pessoa. Esse é um fato muito importante que explica a grande ênfase deste Pathwork na abordagem primária com relação a si mesmo. Somente então o relacionamento pode ser cultivado de maneira significativa e eficaz.

Nesta palestra, tentarei descrever alguns elementos da divergência e da unificação entre seres humanos, e mostrar seu paralelo com o processo individual. Antes disso, gostaria de dizer que o relacionamento representa o maior desafio para o indivíduo. Isso acontece porque é somente no relacionamento com os outros que problemas não resolvidos, dificuldades e conflitos que ainda existem dentro da psique individual são afetados e ativados. É por isso que muitos indivíduos se abstêm do contato com os outros, da interação com outras pessoas. Às vezes, é possível manter a ilusão de que os problemas provêm da outra pessoa, já que os distúrbios são sentidos somente em sua presença e não quando o indivíduo está sozinho.

Estar sozinho desperta o chamado interior por contato e, quanto menos o contato é cultivado, mais intenso se torna o anseio. Este é, portanto, um tipo diferente de dor – a dor da solidão e da frustração. Mas o contato torna difícil manter por muito tempo a ilusão de que o eu é isento de falhas e harmonioso. Somente uma aberração mental possibilitaria alegar, por um tempo demasiado longo, que os problemas que surgem nos relacionamentos com os outros se devem exclusivamente aos outros e nunca a si mesmo. Esse é o motivo pelo qual os relacionamentos são a um só tempo, uma satisfação, um desafio e uma medida do estado interior de cada um. A fricção que advém de se relacionar com os outros é um instrumento preciso na purificação e no autorreconhecimento, se o eu estiver inclinado para isso.

No caso da abstenção desse desafio e do sacrifício da satisfação que o contato íntimo representa, muitos aspectos dos problemas internos nunca são trazidos à tona. A ilusão de paz interior e unidade resultante chegou a levar a conceitos de que o crescimento espiritual pode ser favorecido pelo isolamento. Nada poderia estar mais distante da verdade. No entanto, minha afirmação não deve ser confundida com o fato de que intervalos de reclusão são uma necessidade para a concentração interior e a autoconfrontação. Mas esses períodos devem sempre se alternar com o contato e, quanto mais íntimo for esse contato, mais evidencia a maturidade espiritual.

Contato e falta de contato com os outros podem ser observados em vários estágios. Há muitos graus de contato entre os extremos crassos de total isolamento externo e interior de um lado e, de outro, a mais profunda e íntima afinidade, a capacidade de amar e de aceitar os outros, de lidar com eles e com os problemas em comum que surgirem, de encontrar equilíbrio entre a autoassertividade e a concessão, de dar e receber, de estar intensamente ciente dos níveis de interação entre os eus. Existem aqueles que conseguiram certa capacidade superficial de se relacionarem, mas que ainda se abstêm de um contato e de uma revelação interior mútua significativa, aberta e sem máscaras. Eu diria que o ser humano médio, no ponto em que a humanidade se encontra hoje, flutua entre os dois extremos.

Também é possível medir o sentido pessoal de satisfação ou de frustração pela profundidade da afinidade e do contato íntimo, pela força dos sentimentos que se permite vivenciar e pela abertura e propensão a dar e a receber. O grau de frustração indica uma ausência de contato que, por sua vez, é um indício preciso de que o eu se abstém do desafio representado pelo relacionamento, sacrificando, desse modo, a satisfação pessoal, o prazer, o amor e a alegria. Quando o partilhar é desejado somente com base no receber de acordo com seus próprios termos, enquanto o eu, na verdade (embora secretamente) não está disposto a compartilhar, os anseios devem permanecer insatisfeitos. Seria muito aconselhável que as pessoas considerassem seus anseios não satisfeitos a partir dessa perspectiva, em vez de ceder à suposição comum de que não se tem sorte e que a vida os está tratando injustamente.

O contentamento e a satisfação, especificamente no que tange o relacionamento, é uma medida muito negligenciada do próprio desenvolvimento de cada um. O relacionamento com os outros é um espelho do estado de cada um e, assim, uma ajuda direta na autopurificação. Por outro lado, é igualmente verdadeiro que somente pela honestidade consigo mesmo e pelo autoenfrentamento, os relacionamentos podem ser sustentados, expandidos e o contato entre os seres humanos pode florescer em relacionamentos de longo prazo. Vocês podem ver meus amigos, que os relacionamentos e o contato humano representam um aspecto tremendamente importante do crescimento humano.

Com frequência, o poder e a relevância do relacionamento implicam em graves problemas para aqueles que ainda se debatem sofredamente com suas divisões internas. O anseio irrealizado se transforma em uma dor insuportável quando o isolamento é escolhido devido à dificuldade de contato. Isso pode ser resolvido somente quando o eu se põe seriamente a buscar a causa desse conflito em si mesmo, sem a medida defensiva da culpa devastadora e da autoacusação que, logicamente, eliminam qualquer possibilidade de se chegar realmente ao âmago do conflito. Isto, e a disposição interior de mudar, precisam ser cultivados para que se possa atenuar essa dolorosa armadilha em que ambas as alternativas disponíveis – isolamento e contato – são insuportáveis.

O medo do prazer, que abordamos muitas vezes, está em alto grau relacionado ao problema de lidar com os outros ou de enfrentar a própria cegueira rígida e autoimposta. Também é importante lembrar que o isolamento pode ser muito sutil e pode existir somente em um nível de sentimentos exteriormente imperceptível e manifestar-se em uma prudência oculta e em falsa proteção de si mesmo. O bom companheirismo exterior não implica necessariamente na capacidade e na disposição para a intimidade. Para muitos esse é um problema muito opressivo. Na superfície, isso parece se dever a uma dificuldade de lidar com os outros, mas, na verdade, a dificuldade reside no eu, independentemente de quão perturbados os outros também possam ser.

Quando pessoas de níveis de desenvolvimento espiritual desiguais estão envolvidas uma com a outra, a responsabilidade sobre o relacionamento recai sempre sobre a mais desenvolvida. Refiro-me especificamente ao fato de ele ser responsável por perscrutar as profundezas do nível interno da interação, responsável por qualquer fricção e desarmonia entre as partes. A pessoa menos desenvolvida não é capaz de tal busca. Ainda está envolvida em culpar os demais, sendo dependente de o outro fazer o “certo” a fim de evitar desagradados ou frustração. Além disso, a pessoa menos desenvolvida está sempre enredada no erro fundamental da dualidade. Encara cada fricção em termos de ele mesmo ou de a outra pessoa estarem certos. Por outro lado, se ele detecta um problema no outro, isso parece livrá-lo automaticamente de seus erros, embora, na realidade, seu próprio envolvimento negativo possa ser infinitamente mais relevante do que o que vê na outra pessoa. Somente a pessoa mais espiritualmente desenvolvida é capaz de uma percepção realista e não dualista. Ele pode

ver que qualquer uma das partes envolvidas pode ter um problema mais profundo, o que não invalida a importância do problema possivelmente muito menor da outra pessoa. Estará sempre disposto e será sempre capaz de analisar seu próprio envolvimento, sempre que for negativamente afetado por um relacionamento específico, não importando quão flagrantemente errada a outra pessoa possa estar. Uma pessoa espiritual e emocionalmente rude e imatura sempre atribuirá a maior parte da culpa ao outro, independentemente de se declarar a favor do processo mencionado acima. Tudo isso se aplica a qualquer tipo de relacionamento: companheiros, pais e filhos, amigos, contatos de negócios, seja o que for.

A tendência a tornar-se emocionalmente dependente de outrem – fato cuja consciência é um importante aspecto do processo de crescimento – se deve, em grande parte, a querer absolver-se a si próprio, seja de culpa ou dificuldade, ao estabelecer, manter e sustentar um relacionamento. Parece tão mais fácil incumbir os outros dessa tarefa. Mas que preço se paga por isso! Fazer isso torna a pessoa efetivamente impotente e provoca exatamente um estado entre duas alternativas igualmente indesejáveis, como mencionei anteriormente: isolamento ou dor infindável e fricção com os outros. É somente quando se assume verdadeiramente a autorresponsabilidade pela análise de seu próprio problema no contato e pela disposição de mudar que a liberdade se estabelece e que os relacionamentos se tornam frutíferos e jubilosos.

Se a pessoa mais desenvolvida se recusar a desempenhar sua tarefa inata de assumir a responsabilidade pelo relacionamento e buscar o âmagô da divergência em si mesma, nunca compreenderá a interação mútua – como um problema afeta o outro. E o relacionamento necessariamente deteriorará e deixará ambas as partes confusas e menos capazes de lidar consigo mesmas e com os outros. Por outro lado, se ela aceitar essa responsabilidade espiritual interior, também ajudará a outra pessoa de maneira sutil e possivelmente não articulada. Se puder abrir mão da tentação de elaborar constantemente os pontos negativos do outro e olhar para dentro de si mesma, aumentará consideravelmente seu próprio desenvolvimento e disseminará a paz e a alegria ao seu redor. O veneno da fricção será logo eliminado. Também tornará possível para si mesma encontrar em breve, outros com quem seja possível um processo de crescimento verdadeiramente mútuo.

Quando dois iguais se relacionam, ambos têm total responsabilidade pelo relacionamento. Essa é, efetivamente, uma linda aventura, um estado profundamente gratificante de reciprocidade. A mais sutil falha ou imperfeição em um estado de ânimo será reconhecida por seu significado interior, o que mantém o processo de crescimento. Ambos reconhecerão sua participação nessa falha momentânea, seja ela uma fricção real ou uma estagnação momentânea dos sentimentos. A realidade interna da interação se tornará cada vez mais real. Isso evitará danos ao relacionamento em um alto grau.

Deixe-me enfatizar aqui que quando falo de ser responsável pela pessoa menos desenvolvida, não quero dizer que outro ser humano possa jamais assumir a responsabilidade pelas dificuldades reais de outrem. Isso nunca é o caso. Quero dizer que as dificuldades de interação em um relacionamento geralmente não são exploradas a fundo pelo indivíduo cujo desenvolvimento espiritual ainda se encontra em um estágio mais primitivo. Ele responsabilizará os outros por sua infelicidade e desarmonia em uma determinada interação, não sendo capaz ou não estando disposto a ver a questão como um todo. Assim, ele não está em posição de eliminar a desarmonia. Somente aquele que assume a responsabilidade por reconhecer o distúrbio interior e o efeito mútuo pode fazê-lo. Dessa forma, a pessoa espiritualmente mais primitiva sempre depende do mais evoluído espiritualmente.

Um contato entre indivíduos em que a destrutividade do menos desenvolvido impossibilita o crescimento, a harmonia, o florescimento dos bons sentimentos, ou em que o contato é preponderantemente negativo deverá ser descontinuado. Via de regra, a pessoa mais evoluída incumbe-se da iniciativa necessária para isso. Se não o fizer, deve haver uma fraqueza não reconhecida e medos que precisam ser enfrentados. Se um relacionamento for dissolvido por ser mais destrutivo e causador de sofrimento do que construtivo e harmonioso, isso deve acontecer quando os problemas internos e as interações mútuas forem totalmente reconhecidas por aquele que toma a iniciativa de dissolver o relacionamento. Isso evitará que ele estabeleça um novo relacionamento com correntes subjacentes e interações semelhantes. Também significa que o passo em direção à dissolução ocorre como resultado do crescimento, e não em decorrência de um despeito vingativo, medo ou escapismo.

A exploração da interação subjacente e dos efeitos de um relacionamento em que as dificuldades de ambas as pessoas são exploradas e aceitas não é de maneira alguma um processo fácil. Mas nada pode ser tão bonito e gratificante. Qualquer um que chegue ao estado de iluminação em que isso é possível não temerá mais nenhum tipo de interação. Dificuldades e medo surgem na exata medida em que ele ainda projeta suas dificuldades de se relacionar nos outros e ainda responsabiliza os outros por qualquer coisa que não saia de acordo com a sua vontade. Isso pode assumir muitas formas sutis. Pode-se concentrar constantemente nas falhas dos demais, mesmo que, à primeira vista, essa concentração pareça justificada. Pode-se atribuir, ainda que sutilmente, demasiada ênfase a um lado, a despeito de outros aspectos. Essas e outras distorções indicam projeção e negação da autorresponsabilidade pelas dificuldades no relacionamento – o que implica em dependência da perfeição e, conseqüentemente, medo e hostilidade por se sentir decepcionado.

Queridos amigos, independentemente de quão erradas sejam as ações da outra pessoa, se estiverem perturbados, deve haver alguma coisa em vocês de que não se deram conta. Quando digo perturbados, me refiro a este sentido específico. Não falo da raiva bem-definida que se expressa sem culpa e que não deixa nenhum traço de confusão e sofrimento internos. Falo do tipo de perturbação que resulta do conflito e que engendra mais conflito. Mas, apesar de eu os ter avisado repetidas vezes sobre a negligência em perceber sua própria parte no conflito, é muito difícil para as pessoas olharem para seu interior e encontrarem a origem da perturbação em si mesmos. Mesmos vocês, meus amigos, que estão sinceramente em busca de liberação e unificação em si mesmos, ainda estão envolvidos em profunda projeção nessa área. Um dos papéis ou jogos de que falamos recentemente, e que é uma das tendências favoritas da humanidade, é o que diz “você está fazendo isso comigo” – atribuindo a culpa à outra pessoa. O jogo de atribuir a culpa aos outros é tão generalizado que com frequência passa despercebido. É encarado como algo que não é digno de nota. Um ser humano culpa o outro, um país culpa o outro, um grupo culpa o outro. Esse é um processo constante neste estágio do desenvolvimento. É na verdade, um dos processos mais nocivos e ilusórios imagináveis.

Talvez apenas alguns de vocês possam começar a perceber como estão fazendo isso e, quando perceberem, conseguirão evitar o processo uma ou outra vez. Comecem a questioná-lo e parem de colocar a culpa nos outros, que é sempre uma forma oculta de hostilidade e de encobrimento das próprias falhas. A pessoa obtém prazer com isso, embora a dor que se segue e os conflitos insolúveis decorrentes sejam infinitamente desproporcionais ao prazer insignificante e momentâneo.

Gostaria de falar agora sobre a atitude da pessoa objeto desse jogo, em vez de falar sobre quem o executa. Aquele que executa esse jogo prejudica verdadeiramente a si mesmo e a outrem, e eu recomendo veementemente que vocês comecem a se tornar conscientes de seu envolvimento cego nesse jogo de atribuição de culpa. Mas, e quanto à “vítima”? Como ela pode lidar com isso?

Seu primeiro problema é que ela não está nem mesmo ciente do que está acontecendo. Na maior parte das vezes, acontece de modo sutil, emocional e inarticulado. A culpa indireta, velada e silenciosa está sendo lançada, sem que nenhuma palavra seja dita. Ela é expressa de muitas maneiras indiretas. Agora, obviamente, a primeira necessidade é a conscientização concisa e enunciada, já que caso contrário, a “vítima” responderá de maneira inconsciente e igualmente destrutiva, falsa e defensiva. Nenhum dos envolvidos realmente conhece os níveis intrincados de ação, reação e interação, até que a trama se torna tão emaranhada que parece impossível desembaralhar os complicados aspectos do relacionamento. Muitos relacionamentos falham devido a essa interação inconsciente, que envolve muitas reações mútuas a algo que só se sente vagamente.

A atribuição de acusações e culpa envenena, gera medo e pelo menos tanta culpa quanto se tenta projetar. Aquele a quem a acusação e a culpa são atribuídas pode reagir de muitas maneiras diferentes, de acordo com seus próprios problemas e conflitos não resolvidos. Enquanto a reação for cega e o fato de a culpa lhe ter sido atribuída não for consciente, a contrarreação também será necessariamente neurótica e destrutiva. Somente a percepção consciente pode impedir que isso aconteça. Somente então, vocês serão capazes de refutar um ônus que lhe está sendo atribuído. Somente então vocês poderão enunciá-lo e identificá-lo com precisão.

Para que um relacionamento possa florescer, é preciso estar atento a essa armadilha, cuja detecção é ainda mais dificultada pelo caráter generalizado da projeção da culpa. Além disso, o outro deve estar atento a isso – em si mesmo e no outro. E não me refiro aqui a uma confrontação direta sobre algo de errado que a outra pessoa tenha feito. Refiro-me à acusação sutil pela infelicidade pessoal. É esse o aspecto a ser desafiado.

A única maneira de evitar se tornarem vítimas da acusação e da projeção de culpa é evitar fazê-lo vocês mesmos. No mesmo grau em que cedem a essa atitude (ainda que o façam de maneira diferente daquele que o faz contra vocês), não se aperceberão quando isso for feito com vocês e se tornarão uma vítima. A simples consciência fará toda a diferença – independentemente de verbalizar sua percepção e confrontarem o outro ou não. Somente até o ponto em que vocês exploram sem defesas, enfrentam e aceitam suas próprias reações e distorções problemáticas, suas negatividades e destrutividade, podem refutar a projeção de culpa do outro em vocês. Somente então não se deixarão arrastar para um labirinto de falsidade e confusão em que incerteza, atitudes defensivas e fraqueza podem fazer com que recuem e se refugiem ou sejam excessivamente agressivos. Somente então vocês não confundirão mais a expressão de suas próprias opiniões com hostilidade, e concessão flexível com submissão perniciosa.

Todos esses aspectos determinam a capacidade de lidar com relacionamentos. Quanto mais esses contornos estiverem profundamente compreendidos e vivenciados, mais íntima, gratificante e bonita a interação humana se tornará. Como vocês podem fazer valer seus direitos, estender a mão para o universo em busca de satisfação e prazer, como podem amar sem medo, a menos que encarem o relacionamento com outros da maneira descrita acima? A menos que aprendam a fazer isso, e com isso se purifiquem, haverá sempre um chicote à espreita na escuridão quando se tratar de relacionamentos íntimos: o chicote da atribuição de culpa uns aos outros. Amor, troca, profunda e gratificante intimidade com outras pessoas podem ser um poder puramente positivo e sem nenhuma ameaça quando essas ciladas forem analisadas, detectadas e dissolvidas. É de suma importância que vocês percebam sua presença em si mesmos, meus amigos.

O tipo de relacionamento mais instigante, bonito, espiritualmente importante e gerador de crescimento é aquele entre um homem e uma mulher. O poder que une duas pessoas no amor e na atração e o prazer envolvido são um pequeno aspecto do estado de estar na realidade cósmica. É como se cada entidade criada soubesse inconscientemente sobre a bem-aventurança desse estado e buscasse realizá-lo da maneira mais potente disponível à humanidade. Essa maneira é no amor e na sexualidade entre um homem e uma mulher. O poder que atrai um para o outro é a mais pura energia espiritual, que leva a uma leve noção do que é o mais puro estado espiritual.

No entanto, quando homem e mulher permanecem juntos por um período prolongado em um relacionamento mais duradouro e comprometido, a manutenção da bem-aventurança, e até seu aumento, depende inteiramente de se as duas pessoas envolvidas se relacionam uma com a outra nos termos abordados anteriormente nesta palestra. Eles estão cientes da relação direta entre o prazer duradouro e o crescimento interior? Usam as dificuldades inevitáveis no relacionamento como medida de suas próprias dificuldades interiores? Comunicam-se da maneira mais profunda, sincera e autorreveladora, compartilhando seus problemas internos, ajudando-se um ao outro em vez de acusarem-se um ao outro para isentarem-se a si próprios? As respostas a essas perguntas determinarão se o relacionamento irá fracassar, se dissolver, estagnar – ou se florescerá. Quando vocês olham para o mundo ao seu redor, indubitavelmente verão que pouquíssimos seres humanos crescem e se revelam de maneira tão aberta. São igualmente poucos os que se dão conta de que crescer juntos e um através do outro determina a solidez dos sentimentos, do prazer, do amor e respeito duradouros. Portanto, não é de se surpreender que os relacionamentos duradouros sejam, quase que invariavelmente, mais ou menos mortos em termos de sentimentos.

As dificuldades que surgem em um relacionamento são sempre uma medida de algo que ficou negligenciado. É como se uma mensagem ruidosa fosse expressa. Quanto mais cedo lhe for dada atenção, mais energia espiritual será liberada, de modo que o estado de bem-aventurança possa se expandir e crescer, juntamente com o ser interior de ambos os parceiros. Existe um mecanismo no relacionamento entre homem e mulher que se assemelha a um instrumento precisamente calibrado que mostra os aspectos mais precisos e sutis do relacionamento e do estado individual das duas pessoas envolvidas. Ele não é suficientemente reconhecido pela humanidade, nem mesmo pelos seres humanos mais conscientes e sofisticados, familiarizados com outras verdades espirituais e psicológicas. Todo dia e a cada hora, o estado interior e os sentimentos de cada um são um testemunho do estado de seu crescimento. Na medida em que se prestar atenção a isso, a interação, os sentimentos, a liberdade da fluidez dentro de cada um e em direção um ao outro florescerá. O relacionamento perfeitamente maduro e espiritualmente válido precisa sempre estar profundamente conectado com o crescimento pessoal. Assim que um relacionamento for vivenciado como irrelevante ao crescimento interior, abandonado à sua própria sorte, por assim dizer, estará fadado ao fracasso. Mais cedo ou mais tarde ele deverá fracassar. E esse é o destino da maioria dos relacionamentos humanos – especialmente dos relacionamentos íntimos entre companheiros. Eles não são reconhecidos como um espelho para o crescimento interior, o que faz com que o relacionamento se desgaste gradualmente. O primeiro vapor se evapora e disso nada permanece. Fricção ostensiva e divergência ou estagnação e enfado destruirão o que parecia promissor. Somente quando cada um atinge o ponto máximo de seu crescimento desenvolvendo os potenciais que lhe são inerentes, o relacionamento pode se tornar mais e mais dinâmico e vivo. Isso precisa ser feito individual e mutuamente. Quando o relacionamento é encarado dessa forma, será construído sobre a rocha e não sobre a areia. Não haverá espaço para o medo em tais circunstâncias. Os sentimentos expandirão e a confiança com relação a si mesmo e ao outro crescerão. Cada dia e cada hora será um espelho do estado interior de cada um ou de ambos os parceiros e, portanto, do relacionamento. Sempre que houver fricção ou

estagnação, haverá algo emperrado, algo cego que precisa ser visto. Deve haver alguma interação entre as duas pessoas que não tenha sido esclarecida. Se ela for compreendida e devidamente tratada, não apenas o crescimento prosseguirá à máxima velocidade, mas também a felicidade, a bem-aventurança, o sentimento de viver com propósito, de uma experiência profunda e de êxtase crescem em dimensões cada vez mais profundas e belas. Inversamente, medo de intimidade implica em rigidez e em negação de encarar a própria participação nas dificuldades do relacionamento. Qualquer um que ignore esses princípios ou que se comprometa com eles somente da boca para fora não está emocionalmente preparado para assumir a responsabilidade por seu sofrimento interior – seja em um relacionamento ou devido à ausência de um relacionamento. Esse estado também traz consigo o medo dos próprios sentimentos. É nesse momento crítico primitivo que se atribui a culpa aos outros. Medo e incerteza farão com que seja impossível, nessas condições, encontrar bem-aventurança e intimidade – intimidade sem temor.

Por isso vocês veem, meus amigos, que é de suma importância reconhecer que bem-aventurança e beleza, que são realidades espirituais eternas, estão disponíveis para todos aqueles que buscam a chave para todos os problemas da interação humana, bem como para a solidão dentro de seus próprios corações. O verdadeiro crescimento é uma realidade espiritual, tanto quanto a profunda satisfação, a vitalidade e o relacionar-se feliz e jubiloso. Quando vocês estiverem interiormente preparados para se relacionarem dessa forma com outro ser humano, encontrarão o parceiro apropriado com quem esse tipo de compartilhamento será possível. Vocês não se sentirão mais ameaçados nem serão apossados por medos conscientes ou inconscientes quando usarem essa chave tão importante. Vocês não se sentirão mais impotentes ou vitimados quando essa importante transição tiver lugar em sua vida e vocês deixarem de responsabilizar os outros pelo que vivenciam ou deixam de vivenciar. Dessa forma, crescimento e vida bela e gratificante se tornam sinônimos.

Que todos vocês levem consigo o novo material e que a força de sua energia interna seja desperta por sua boa vontade. Que estas palavras sejam o começo de uma nova modalidade interior de encontro com a vida, que leve finalmente à decisão “Quero arriscar meus bons sentimentos. Quero buscar em mim a causa em vez de buscá-la na outra pessoa, de modo a me tornar livre para amar”. Este tipo de meditação certamente trará frutos. Se um germe ou uma partícula disto estiver sendo levada com vocês esta noite, terá sido uma noite efetivamente proveitosa. Sejam abençoados, todos vocês, meus queridos amigos, para que vocês se tornem os Deuses que são em potencial.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.